

AS ILUSÕES DO EU DEUS, ÉTICA E A EPISTEMOLOGIA NO PENSAMENTO DE ESPINOZA

Gustavo Stuani GASQUE¹
Gustavo Oliveira FERREIRA²

RESUMO: O presente artigo visa fazer um sobrevoos acerca da vida deste filósofo, sua origem e vida, bem como uma análise sucinta de determinados pontos de sua filosofia que, apesar de desenvolvida em pleno século XVII, mostra-se plenamente aplicável à realidade atual. Busca-se também o esclarecimento, à luz da filosofia Espinosana, da natureza de Deus, da ética e da origem do conhecimento, elencando este último aos conceitos de liberdade.

Palavras-chave: Espinoza. Filosofia Moderna. Imanência. Deus Imanente. Ética dos Afetos . Epistemologia.

1 INTRODUÇÃO

Baruch Espinoza foi um dos grandes racionalistas dentro da chamada Filosofia Moderna, foi contemporâneo de filósofos como René Descartes e Gottfried Leibniz.

Nasceu em Amsterdã, em 24 de novembro de 1632, filho de Miguel Espinoza e Hannah Deborah, judeus portugueses que fixaram residência na Holanda devido às perseguições religiosas iniciadas na península ibérica, especialmente em Portugal, onde anteriormente residiam.

Desde cedo o jovem Espinoza começou a ser instruído pelo pai, um comerciante muito bem relacionado dentro da sociedade, para que seguisse os negócios da família. Além disso, como de praxe, ensinou um ofício paralelo ao jovem. Ensinou ao filho o ofício de polidor de lentes, este que viria a tornar-se muito útil na vida de Espinoza.³

¹ Discente do 1º ano do curso de Direito do Centro Universitário “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail: gustavostuani2010@hotmail.com

² Discente do 1º ano do curso de Direito do Centro Universitário “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail: guh_gof@hotmail.com

³ NOGUEIRA, Alcantara. Poder e humanismo: o humanismo em B. de Spinoza, o humanismo em L. Feuerbach, o humanismo em K. Marx. Porto Alegre: Fabris, 1989. p. 72

O futuro filósofo não só mostrou interesse nos negócios da família, mas também um profundo interesse no estudo da religião, estudo este que não era o tipicamente dado aos jovens nas escolas da época, consistia em um estudo religioso mais crítico e aprofundado.

Após isso, Espinoza começou a manifestar interesse nas diversas áreas do conhecimento, como : matemática, física, biologia. Obtendo sucesso no estudo de todas.

Começou a tornar-se um intelectual dentro da sociedade. Esta mudança o fez um homem extremamente questionador e crítico, principalmente no tocante à religião. Esta posição adquirida acarretou o início de uma reprova por parte dos membros da sociedade que, com o passar do tempo, só veio a piorar, culminando em perseguições.

Em 27 de julho de 1656, então com 24 anos, a comunidade judaica decidiu punir o jovem Espinoza com o Chérem, que consistia não somente em uma expulsão da comunidade, mas sim uma espécie de maldição profanada contra ele devido aos seus postulados a respeito de Deus em sua obra, defendendo que Deus é o mecanismo imanente da natureza (que será abordado em tópico posterior) e à Bíblia, posta como uma obra metafórico-alegórica.

Após o Chérem, Espinoza mudou-se de Amsterdã, abriu mão da herança deixada por seu pai em benefício da irmã e acabou vivendo do ofício de polidor de lentes, ofício este que conseguiu dar à ele uma relativa subsistência. Entretanto, ao que consta, o exercício deste ofício também influenciou na sua saúde, assim, de tanto respirar o pó de vidro oriundo do ato de polir, acabou contraindo uma doença respiratória que o levou à morte aos 44 anos, em 21 de fevereiro de 1677.⁴

2 RACIONALISMO ESPINOZANO

Quando se fala em Baruch Espinoza, não há dúvida que foi uma figura extremamente notável e polêmica para a sua época. Historiadores divergem quanto à participação de Espinoza na sociedade de seu tempo, entretanto, a grande maioria

⁴ BARROS FILHO, Clóvis de; *Ética Espinosana*; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEOEdxQCfok>> Acesso em: 28 abr. 2015.

acredita que ele tenha participado ativamente da produção política e científica, quanto à filosófica, não há sombra de dúvida de sua contribuição.

Tendo em vista a vasta obra e pensamento, iremos aqui nos atentar aos pontos mais relevantes da filosofia deste que nos legou tamanho conhecimento.

Desde de muito cedo, Espinoza teve contato com o ensino religioso, não obstante, foi o que dedicou maior atenção.

Desenvolveu uma intelectualidade extremamente crítica aos dogmas religiosos, a concepção do Deus transcendente e aos demais institutos da religião como um todo.

Tais pensamentos e críticas, como supracitado, acarretaram na excomunhão do filósofo, realizada da forma mais “socialmente violenta” que poderia ocorrer. As pessoas ficaram proibidas de manter qualquer vínculo afetivo com ele, ficaram proibidas de ler seus escritos, bem como permanecer nos mesmos ambientes que ele ou até mesmo cumprimenta-lo. Em verdade, pode-se dizer que Baruch Espinoza deixou de existir para a comunidade judaica a partir de 1656.

Constata-se nos documentos históricos acerca da vida deste que, possivelmente, Baruch Espinoza teria ficado “feliz” com o advento de sua excomunhão, alegando que após esta viria a tornar-se um homem livre, sem superstições ou medos, sem qualquer vínculo que limitasse seu pensamento.⁵

Agora, a grande pergunta a se fazer é “Qual foi o grave escândalo cometido por ele dentro da religião que levou a tão grave punição”?

Espinoza defendia que a interpretação das Sagradas Escrituras deveriam ser profundas e reflexivas e não dogmáticas como sempre foram feitas ao longa da história. Para ele, a interpretação deveria levar em conta o contexto histórico em que foram escritas, uma vez que tais funcionariam como mecanismos políticos de poder e fonte de dominação dos homens pelos homens.

Esse pensamento em relação às Escrituras representou um choque para a sociedade judaica a qual estava inserido, entretanto, foi apenas um dos pilares que fizeram de Baruch Espinoza conhecido como o pai do criticismo bíblico moderno, um apóstolo da razão e aos olhos da religião judaica, um herege.

⁵ BARROS FILHO, Clóvis de; *Ética Espinosana*; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEOEdxQCfok>> Acesso em: 28 abr. 2015.

Outro pilar que sustenta a filosofia Espinozana consiste no mecanismo de imanência de Deus. Para tanto, nós adentraremos à este pensamento de forma mais aprofundada.

2.1 Deus em Espinoza

Espinoza buscou desde cedo compreender a Deus e construiu seu sistema filosófico tendo este como orientação.

Desenvolveu uma ideia sobre Deus que, para a época, representou uma inovação. Não consistia em um pioneirismo, pois ele seguiu algumas linhas de pensamento, mas tal construção foi feita de forma autônoma e independente.

Na filosofia de Espinoza, Deus não é um ente transcendente e não possuiu atributos como : onipotência, onisciência, onipresença e que é separado do mundo material.

Descartes destacou em sua filosofia a existência de duas substâncias (aqui entendido como aquilo que é, aquilo que origina todas as coisas, que forma todos os corpos): o Pensamento e a Extensão. Espinoza vai contra isso e sustenta a existência de apenas uma substância que é Deus, Deus é a substância, Deus é o mundo, a natureza, tudo que existe, como presente em sua obra *Ética* (1677, pág 78) :

“Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”

Dessa forma, rompe com a ideia do Deus que criou o todo e traz a ideia do Deus que é o todo. Espinoza usa o termo *“Natura Naturante”*, ou seja, a natureza que tudo produz.

Para uma comparação com a teologia cristã, se o mundo fosse um relógio, para os cristão Deus seria o relojoeiro. Para Espinoza, Deus seria as horas.

Mas Afinal, se Deus é tudo o que existe, o que nós somos⁶

“Dentro dessa condição infinita, Deus possui infinitas qualidades, entretanto, nós, seres humanos, só conseguimos dar conta de duas destas qualidades : Pensamento e Extensão”.

Nesse ponto, Espinoza corrige Descartes quanto à existência de duas substâncias. Dessa forma, nós somos modos da substância, nós somos partes de Deus, partes do todo.

Espinoza define os modos como sendo modificação da substância maior, que é Deus

A título didático, pode ser feita uma clara analogia com o mar. O mar é constituído, a grosso modo, por uma só coisa, por água. A todo momento as águas estão em movimento formando ondas, vãos, montes. Assim, essas formas pelas quais o mar se manifesta constituem-se dos modos de uma substância, no caso, o mar.

Portanto, nós somos uma manifestação do todo, apenas um modo dentre tantos outros.

Do livro “Os Pensadores - Espinosa” (1979, pág 18, 2^o edição), podem ser destacadas algumas teses principais, dentre as quais :

- A substancia é a causa de si mesmo. Tal afirmação não significa, como na teologia cristã e na filosofia cartesiana, dizer que Deus é incausado, mas é dizer que Deus é autoprodutor, é causa de si próprio
- A substância é a causa de si do mesmo modo que é causa das outras coisas. Isto significa que o ato pelo qual Deus se produz é o ato pelo qual ele produz a totalidade da natureza
- O pensamento e a extensão são atributos infinitos de Deus, com ela Espinoza afirma que Deus é matéria e não um puro espírito como sempre foi afirmado pela teologia e pela filosofia.

⁶ MUZINATTI, João Luiz; O Pensamento de Espinoza; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GGkeXeKuRkw>> ; Acesso em: 28 abr. 2015.

2.2 Ética e os Afetos em Espinoza

Para Espinoza, nós somos corpos e a nossa vida é traçada a partir dos encontros dos nossos corpos com outros corpos.

Nós somos corpos que o tempo todo estão se encontrando, interagindo, se relacionando.

Essas interações geram mudanças constantes em nós, a essa mudança nos corpos provocadas por outros corpos Espinoza dá o nome de Afetos.

Quando usa a palavra “Afeto” Espinoza não tem a intenção de descrever algo afetivo, sentimental. Na filosofia de Espinoza, Afeto é a mudança que algo que não sou eu causa em mim. Quando me encontro, me relaciono com alguém existe algo que me afeta, isso ocorre sem prejuízo, no encontro de todos os corpos.

A todo momento nós estamos modificando e sendo modificados por estes corpos que entramos em contato. A todo momento a minha vida é produzida pelo meu encontro com outros corpos.

Espinoza constrói essa linha filosófica de maneira extremamente racional e sistemática.

Deriva assim, a ideia de que, se a todo momento nós estamos influenciando e sofrendo influência do mundo exterior, se a todo momento estamos sendo moldados e tendo a interferência dos outros, nós não somos livres para escolher.

De forma genial, Espinoza traz a ideia de que somos seres de Ação e Paixão. Para Espinoza, ação é tudo aquilo que eu consigo produzir pela minha vontade, são as coisas, as decisões, as vontades e a consciência que eu tenho. Já Paixão é aquilo que vem de fora de mim, que provem dos meus encontros com outros corpos.

Portanto, se a minha vida é definida por aquilo que vem de fora de mim, então eu não sou construtor da minha vida de forma independente. Se as coisas não são inteiramente produto da minha vontade, da minha ação, eu não sou livre, eu não sou senhor do meu destino.

Quando Espinoza debruça-se sobre a ideia de liberdade, conclui que somente Deus é livre, porque só Deus é substância e causa de si próprio, *Natureza Naturante*, só Ele pode ser causa da própria existência no mundo.

O homem, como corpo, não é livre pois é sujeito aos afetos corpóreos advindos das relações interpessoais mundanas.

2.2.1 O conhecimento humano acerca dos Afetos

Quando Espinoza fala sobre o conhecimento humano em relação aos afetos à que os corpos estão sujeitos, diz que este é bastante limitado devido ao fato dos corpos se relacionarem de maneira não pré-estabelecida

É fato que as pessoas programam-se pra realizar determinadas atividades ao longo do dia, mês, ano e por aí afora, entretanto, não dão conta de comandar as interferências dos outros corpos sobre elas. Eu não sou dono do meu destino, por quê ? Porque o meu encontro com outros corpos produzem efeitos sobre mim que não são necessariamente queridos.

Para reforçar esta ideia, far-se-á necessário lembrarmos que Espinoza diz que nós somos seres de Ação e de Paixão. Somos seres que o tempo todo estão recebendo afetos de quem a gente nem sempre esperou receber, assim, esse afetos vão construindo a minha vida sem que eu percebe ou necessariamente queira.

Quando se trata do pensamento Espinozano ,há de constatar-se um determinismo. Determinismo aqui definido como “aquilo que acontece só como poderia acontecer”.

Determinismo Espinozano nas palavras do Prof. João Luiz Muzinatti ⁷:

“Como eu não sei o que está acontecendo neste emaranhado de entrelaçar de corpos que é a nossa vida, eu não consigo pensar, pela minha ignorância do todo, e prever tudo aquilo que está acontecendo e que só poderia acontecer como está acontecendo”

⁷ MUZINATTI, João Luiz; O Pensamento de Espinoza; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GGkeXeKuRkw>> ; Acesso em: 28 abr. 2015.

Aqui é necessário fazer um adendo quanto à existência do Acaso em Espinoza.

Para Espinoza, o acaso não existe. Assim para ele, estes seriam situações as quais, pela nossa ignorância do todo, somos incapazes de compreender devido à impossibilidade de encontrar as suas causas.

Diante disto, os acasos não são eventos sem causa. São eventos causados, mas que pela nossa ignorância diante da complexidade dos afetos, somos compelidos à acreditar na ausência causal.

3 CONATUS E OS EFEITOS DOS AFETOS SOBRE OS CORPOS

Quando a filosofia Espinoza dedica-se à tratar da influência e dos efeitos dos afetos sobre os nossos corpos, mais especificamente sobre a nossa personalidade, Espinoza trás o conceito de *Conatus* ou Potência de Agir.

Conatus seria uma espécie de “Energia Vital” que oscila como um senoide, constantemente, de acordo com os nossos encontros com outros corpos.

Esse conceito de Energia Vital não é exclusivo da filosofia Espinozana, diversos filósofos já dedicaram seus trabalhos à deliberar acerca do que seria isto.

Para Freud, essa energia vital seria chamada de “Libido”. Nietzsche, com base nas obras de Schopenhauer, o chamava de “Vontade de Potência”. Não obstante, trazendo para nossa realidade, o grande filósofo contemporâneo, Prof. Clóvis de Barros Filho dá à essa energia o nome de “Tensão pela Vida”.

Não fugindo à ideia central de Espinoza, Conatus seria a tendência que todo ser vivo tem de perseverar nessa sua existência.

Como consequência desta linha de pensamento adotada por Espinoza acerca do Conatus, tem-se uma das coisas que poderiam ser tidas como máxima na questão ética de Espinoza: a não existência dos conceitos absolutos sobre as questões humanas, ou seja, por exemplo, a não existência de conceitos do que seria o bom e o mal, e de “estados corpóreos” como amor, felicidade, tristeza, expectativas e etc.

Para Espinoza, cada pessoa tem seus próprios conceitos do que seria bom e mal, todos estes oriundos dos encontros com outros corpos realizados anteriormente à situação em que é emitido o juízo de valor.

Não obstante, quando Espinoza trata dos estados e dos sentimentos que estão ligados ao emocional, o faz em função da Potência de Agir de cada pessoa. Assim, a felicidade por exemplo não seria um “estado de consciência”, mas uma passagem, uma etapa de transição entre uma fase de baixa da Potência de Agir para uma fase de maior Potência, a grosso modo seria um ganho na potência de agir do ser, oriundo de um encontro corpóreo. Já a tristeza seria o oposto da alegria, uma perda na potência de agir.

No que tange ao amor, faz-se necessário e interessante ao contexto, uma rápida comparação ao conceito de amor em Platão, Aristóteles e Espinoza.

Em sua obra *O Banquete*⁸, Platão traz uma concepção de amor denominando-o de *Eros*. Amor, para Platão, resume-se ao desejo. Ao desejo de ter, possuir. Consequentemente, presume-se a ausência, pois ninguém deseja ter o que tem. Dessa forma, pode-se traduzir o amor em Platão como um sentimento de desejo por aquilo que está ausente, por aquilo que não se tem.

Já quando Aristóteles e Espinoza tratam de ideia de amor, o fazem de forma parecida, podendo-se dizer que os conceitos se completam. Entretanto esta ideia é quase que completamente contrária à ideia do *Eros* de Platão.

Enquanto Platão pauta o sentimento de amor na ausência, Aristóteles e Espinoza o pautam pela presença. Aristóteles denomina o amor como *Filia*, seria uma felicidade devido à presença de algo, ao ter, ao possuir. Neste ponto, Espinoza vem unir o conceito de amor em Aristóteles à sua filosofia, se o amor é felicidade e felicidade é um ganho na potência de agir, logo amor é um ganho na potência de agir por aquilo que se tem, pelo encontro que se tem com um outro corpo.

Ainda sobre as questões divergente entre Platão e Espinoza, é necessário fazermos aqui um adendo ao juízo crítico no que tange à relação entre eu e o mundo.

Enquanto Platão julga uma coisa como boa, eficiente, de qualidade ou qualquer outro atributo, o faz como se existisse um tipo ideal de coisa. Ao passo que, quando esta coisa real é submetida à um juízo crítico, ela é comparada ao seu

⁸ Platão. **Diálogos**; O banquete; Fédon; Sofista; Político. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ente ideal que está presente no mundo das ideias. Logo, a título de exemplo, uma comida pode ser considerada boa uma vez que, comparada ao tipo ideal de comida, constata-se uma aproximação, uma similaridade entre ambas. O grau de similaridade é o que vai determinar o quão bom é algo.

Já Espinoza, ao pensar acerca de um juízo crítico das coisas o faz, mais uma vez, com base nos afetos que esta coisa causa em si.

Utilizando mais uma vez o exemplo da comida. Se eu ingiro determinado alimento e este me provoca uma sensação agradável, de bem-estar, de felicidade, logo julgo este como bom, pois o afeto dele em relação à mim representou um ganho na minha potência de agir. Já quando ocorre o contrário, o alimento me causa um mal-estar, uma queda na minha potência de agir, este logo é julgado como ruim.

A título de explicação, façamos uma comparação.

Imaginemos que Platão e Espinoza estão ouvindo uma música e que ambos a julgam como boa. Platão se expressaria dizendo que esta música lhe alegra porque é boa. Sendo assim, ela é boa porque se aproxima de um ideal de música. Já Espinoza diria que tal música é boa porque lhe alegra, ou seja, o encontro que o corpo de Espinoza teve com a música foi um encontro alegre, incorreu num ganho da potência de agir, logo emite um juízo crítico favorável à ela

4 EPISTEMOLOGIA NO PENSAMENTO DE ESPINOZA

Ao tange o estudo do conhecimento humano, Espinoza, assim como outros grandes pensadores, dedicou parte de sua obra e pensamento à ele.

Para tal, Espinoza usa como base a questão da liberdade humana. Seria possível ao homem ser livre ?

Ao adentrar no conceito de conhecimento, concebe que nós temos três gêneros possíveis de conhecimentos em nós. Não corresponder a dizer que iremos alcançá-los, mas podemos.

Incorre que o primeiro conhecimento, tido como um conhecimento mais imediato seria a “Consciência Rasa”. Este tipo de conhecimento está diretamente ligado às percepções imediatas dos encontros dos corpos que fazemos à todo momento. Cada ser humano dá conta, ao menos parcialmente (haja visto a

impossibilidade já citada da concepção total dos afetos à que estamos sujeitos), dos afetos que sofre, das coisas boas e ruins, coisas que lhe encantam e etc.

O ser da consciência é conhecedor, percebe os afetos à que está permanentemente sujeito, sendo assim, mais uma vez incorre que este ser não é livre, é um ser que está na servidão. Ele apenas dá conta das coisas que estão acontecendo imediatamente, entretanto isto não o faz controlar os afetos.

Ao segundo gênero de conhecimento Espinoza dá o nome de “Razão”. Este gênero está relacionado ao homem que se dedica, tenta entender e conhecer racionalmente os encontros, os tipos de afetos, o tipo de vida que está acontecendo à ele. Aqui incorre um conhecimento mais amplo, onde o homem vai raciocinar e tentar explicar sua relação com o mundo. O ser da razão também não é um ser livre, é um ser que percebe e já consegue entender o que acontece com ele, entretanto ainda não está determinando sua vida.

O terceiro gênero do conhecimento é chamado de “Conhecimento Intuitivo” que é justamente a possibilidade humana de criar algo novo para sua vida. Aqui não estamos mais falando de entendimento, mas sim de uma possibilidade de criação de uma nova perspectiva. Ao passo que vivemos inexoravelmente sob a égide de um determinismo do encontro aleatório de corpos, nós podemos “querer encaixar” nesta realidade determinada uma forma de vida diferente. Não falamos aqui em liberdade do homem, mas sim uma possibilidade de liberdade, uma vez que este cria uma coisa nova perspectiva de vida, entretanto possui a consciência de que à todo e qualquer momento sua vida está sendo afetada.

O caminho da liberdade do homem em Espinoza passa pela vontade de querer ser livre, pela vontade de liberdade, pela vontade do homem de querer ser causa de sua existência na natureza.

Em suma, os seres detentores destes gêneros de conhecimento não serão livres. O primeiro dá conta dos afetos em sua vida. O segundo passa a dar conta e entender os afetos. Já o terceiro percebe os afetos, os entende, e sob eles constrói planos.

Entretanto, nenhum deles está completamente livre das interferências à que estão sujeitos, portanto não são livres. Eles caminham à passos curtos, uma vez que a vontade humana é de ser causa da própria existência, incorrendo isto em liberdade, mas como já visto só a Natureza, só Deus é livre, pois ele e somente ele, é causa e razão da própria existência.

CONCLUSÃO

O presente artigo visou trazer uma visão clara e objetiva de uma refinada filosofia, pautada num notório racionalismo e que infelizmente está muito longe da realidade das escolas e dos alunos brasileiros, sendo reservada apenas aos estudos de intelectuais contemporâneos.

A filosofia na realidade atual ainda se mostra, dentro da formação básica, um tanto quanto ignorada em detrimento à outras matérias ditas “essenciais” à formação intelectual do indivíduo. Esta vem a obter um pouco mais de notoriedade na graduação em cursos superiores, contudo ainda ganha o merecido espaço dada sua importância e magnitude na formação de cidadãos e pessoas críticas, que refletem sobre sua realidade e procuram métodos ou formas de mudarem para melhor seu cotidiano e das pessoas com quem se relacionam, tornando assim a sociedade em que vive um lugar melhor. O mundo é um eterno fluir de relações sociais, políticas e filosóficas, cabe à nós deixarmos de sermos apenas expectadores de nossa realidade e nos tornarmos autores de nossa própria história e para isso Espinoza nos mostra claramente a forma como devemos enxergar o mundo. Enxergar o mundo sob novas perspectivas é essencial, nos livra da estagnação.

É inegável a contribuição de Baruch Espinoza para a filosofia que, assim como tantos outros, à exemplo de Nietzsche, foram rechaçados, incompreendidos e julgados como loucos pela sociedade e pelos intelectuais do seu tempo, vindo a ganhar suas merecidas e respectivas notoriedades postumamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS FILHO, Clóvis de; **Ética Espinosana**; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEOEdxQCfok>> Acesso em: 28 abr. 2015.

BARROS FILHO, Clóvis de; **A Dinâmica dos Afetos**; Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HwTcwVgc5lk>> ; Acesso em: 3 maio. 2015.

BRANDÃO, Roberto; **Espinosa Hoje**; Disponível em:
<http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/espinosa_hoje/n3roberto.pdf
> Acesso em: 15 maio. 2015.

CORTELLA, Mário Sergio; BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética e Vergonha na Cara**.
1. Ed, São Paulo: Editora Papyrus 7 Mares, 2014.

EZCURDIA, José; **O Autômato Espiritual na Filosofia de Espinosa**; Disponível
em: < <http://www.fflch.usp.br/df/espinosanos/ARTIGOS/numero%2024/jose.pdf>>
Acesso em 15 maio. 2015.

MAGALHÃES, Rui; **Textos de hermenêutica**. Porto, Portugal: Rés-Editora, 1984.

MUZINATTI, João Luiz; **O Pensamento de Espinoza**; Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=GGkeXeKuRkw>> ; Acesso em: 28 abr. 2015.

NOGUEIRA, Alcantara. **Poder e humanismo**: o humanismo em B. de Spinoza, o
humanismo em L. Feuerbach, o humanismo em K. Marx. Porto Alegre: Fabris, 1989.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,
1999.

SPINOZA, Benedictus de. **Pensamentos metafísicos**; Tratado da correção do
intelecto ; Ética ; Tratado político ; Correspondência. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural,
1979.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética demonstrada à maneira dos géometras**. São
Paulo: Martin Claret, 2002.